

Tapeçarias literárias em *O Livro dos nomes*, de Maria Esther Maciel

Rodrigo Guimarães *

Resumo

Este ensaio busca analisar a obra *O livro dos nomes* (2008), de Maria Esther Maciel, a partir das reflexões sobre os processos de “desvio” em relação aos mecanismos de ordenação e classificação do mundo. Como referencial teórico-metodológico, utilizou-se alguns “pressupostos” de Derrida, sobretudo a sua formulação de *indecidibilidade interpretativa* em relação à palavra literária.

Palavras-chave: Maria Esther Maciel; O livro dos nomes; Literatura contemporânea

Abstract

This essay focuses on the book *O livro dos nomes* (2008), by Maria Esther Maciel, in the light of some thoughts about the processes of “deviation” related to the ordination and classification’s principles of the world. It was used as theoretical reference the formulation of “uncertainty interpretation” concerning to the “literary word”, originated at Jacques Derrida’s reflections.

Key words: Maria Esther Maciel; O livro dos nomes; Contemporary literature

* – Doutorado em Literatura Comparada pela UFMG. Pesquisador vinculado à Fapemig e à Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

Quando a morte corta todos os laços,
permaneço o nove.

J.M. Coetzee

“Daqui a três anos Antônio vai morrer”. A forma concisa e breve logo na primeira linha de *O livro dos nomes* (2008) já sinaliza a luz peculiar elaborada por Maria Esther Maciel para iluminar os acontecimentos da vida comum dos vinte e seis personagens que compõem a sua ficção.

As quase três décadas de intensa freqüentação nos campos da poesia e de um longo trajeto reflexivo e crítico como professora de Teoria da Literatura na Universidade Federal de Minas Gerais, possibilitou a autora de *O livro do nomes* construir uma escrita consistente e concentrada que por certo recebeu os influxos de seu amplo e sólido percurso de leituras. Seus textos ensaísticos, por exemplo, perfazem autores extremamente diversificados tais como Augusto do Anjos, Octavio Paz, Sor Juana Inés de la Cruz, Stéphane Mallarmé, Fernando Pessoa, Haroldo de Campos, Carlos Drummond de Andrade, Maria Gabriela Lhansol e tantos outros. Filósofos, cineastas, tradutores e “loucos” (como Arthur Bispo do Rosário), também compõem o “repertório de interesses” da autora.¹ Poderia incluir também o fascínio de Esther Maciel pelos “autores paradoxais”, tais como Clarice Lispector, Kierkegaard, Baudelaire, Cioran e Jorge Luis Borges.

A imagística poética e sentenças com intensos matizes filosóficos salpicam o texto ficcional de Maria Esther Maciel. Não é por acaso que Haroldo de Campos observou, a respeito de sua escritura, a linha concisa e o corte sutil. Esses procedimentos de “concreção de linguagem” ressoam em *O livro dos nomes* mediante alguns aforismos e sentenças emblemáticas circundadas por cenas prosaicas.

Como salientou Esther Maciel, a “coleção” de personagens e rostos enredam perfis e espessuras em uma espécie de genealogia transversa de tramas domésticas, fragmentos de memória, de coisas e de pessoas que se imbricam em uma complexidade crescente que se dão a ver, sobretudo quando o leitor se depara com constantes

dissonâncias entre a etimologia do nome, os verbetes explicativos sobre o seu significado e as experiências da vida “real” de uma pessoa que aloja esse nome. O eixo onomástico (de A a Z) é organizado à maneira de catálogos e manuais de auto-ajuda. Mas não se trata de um dicionário de nomes e de etimologias encadeadas por estereótipos ou qualquer “princípio legitimador de organização”, ao contrário. Tanto na obra ficcional quanto em sua ensaística, verifica-se a presença constante de um objeto díspare que assalta o *princípio de ordenação* ou fantasmagoriza-o.

Muitos dos textos que compõem seu livro de ensaios *A memória das coisas* (2004) lidam diretamente com o *princípio de ordenação* e seus sistemas de classificação do mundo utilizados por diferentes escritores, cineastas e artistas, tais como Jorge Luis Borges, Peter Greenaway, Georges Perec, Carlos Drummond de Andrade e Arthur Bispo do Rosário.

A “ordem” e os procedimentos taxonômicos presentes nos textos analisados por Maria Esther em *A memória das coisas* funcionam mais como eficientes dispositivos que denunciam a falência de suas modalidades classificatórias e de ordenação do mundo. Dito de outra maneira, o mundo é caotizado pelo exacerbamento de suas próprias regras de organização, de classificação exaustiva ou pelo afã das apreensões totalizadoras. Para tanto, Esther Maciel recorre a textos de autores que focalizam as diferentes maneiras de uso de catálogos, cartas, diários, listas, índices, glossários, aforismos, verbetes, mapas e levantamentos estatísticos. A autora também pontua o mesmo gesto irônico de Borges em um de seus contos mais conhecidos “A Biblioteca de Babel”, ao evidenciar a insensatez e a insuficiência das tentativas de arquivamento e “categorização exaustiva do conhecimento e das coisas do mundo, visto que todo recenseamento tende, em seus limites, a revelar o caráter do que é naturalmente incontrolável e ilimitado.” (MACIEL, 2004b, p. 14)

Esses elementos de “desvio” que denunciam o objetivo ilusório de completude e de previsibilidade, bem como a insuficiência da repartição da realidade em classes, nomes e subjetividades são abundantes em *O livro dos nomes*.

A exemplo de Lídia que, quando criança, gostava de observar o movimento dos peixes, subitamente ela percebe que “as coisas, por mais repetíveis, contêm cada uma um

rio – subterrâneo ou de superfície [...] é isso que garante a elas uma dose de imprevisto.” (MACIEL, 2008, p. 76)

Assim, os nomes, segundo Maciel citando Curtius e Léo Spitzer, “não são mais que formulários em branco a serem preenchidos por sensações e sentimentos”. Daí a possibilidade, ficcionalizada por Esther Maciel, de uma pessoa ter vários nomes “simultâneos ou sucessivos, de acordo com suas horas e fases da vida”² e de pôr-se à deriva num “presente de múltiplas durações”.

Essa multidimensionalidade do humano capaz de ampliar os modos de uso da vida e o descarrilamento das manifestações da existência são evidenciadas nas falas de vários personagens. Para Antônio, por exemplo, “é no desvio que as coisas acontecem [...] e viver é especializar-se no erro.” Eugênia, por sua vez, em seu diário intitulado “Manual de perplexidades” anota menos os acontecimentos do dia-a-dia do que “as coisas que imaginava”. Já as “Catarinas, às vezes, têm uma nudez perplexa, ou não”. Essas pseudo-definições acompanhadas por um índice de subtração das certezas, o “ou não”, acrescidas de paradoxos tais como *quando te vi amei-te já muito antes* (Jerônimo “plagiando” Pessoa), conferem a essa escritura uma dicção que desapropria os lugares-comuns, ou o comum do lugar e do nome ao propor novos folheados de significância.

Esse olhar de *soslaio* que busca incessantemente capturar o elemento de desvio, não condiz com as formulações teóricas que se fundamentam na mimese, em Édipo ou Narciso, que necessitam dos mapeamentos que favorecem as demarcações topográficas, a ordenação do espaço e dos objetos, ou ainda, dos espelhos que atuam como decalque e representação de um olhar estandardizado emoldurando a personalidade e balizando os trilhamentos afetivos e perceptivos impostos pela maquinaria social.

Por isso a perspicácia de Henri Michaux quando nos incita a observar-nos não nos espelhos, mas no papel, bem aí onde o *espaçamento* materializado por Mallarmé e os movimentos de diferencialidade e suspensão evocados por Derrida (2004) nos possibilitam construir a visibilidade dos intervalos, das fendas e dos abismos. São esses não-lugares que escapam ao formalismo dos espelhos planos. Quanto a isso, diz o avô da personagem Maria Alice: “a vida é um movimento na penumbra”.

No entanto, o leitor pode acessar, em *O livro dos nomes*, outros teclados terminológicos. Como se sabe, umas das principais âncoras das fantasmagorias do eu e da subjetividade é o nome, a imagem do corpo e da casa. A última, como nos lembra Bachelard, guarda boa parte de nossas lembranças. Mas não podemos esquecer, como assinala o mesmo autor, de seus refúgios: cantos, corredores, porão e sótão. A escritura de *O livro dos nomes* encarna-se numa linguagem que recebe com atenção os cantos e corredores, os lugares de esquecimento e de passagens. Aliás, Kelly (“nome de guerra”), reivindica “o direito de tudo esquecer”.

Percebe-se aí não o mapeamento das rotas de vida que, como o fio de Ariadne, proporciona ao leitor a segurança da volta e da ortopedia do sentido, tal como aconteceu com Teseu que saiu do labirinto e retornou ao mundo ordenado. O “mapa” de *O livro dos nomes* é endereçado a uma “certa soma de equívocos”, como diz Geraldo à respeito de sua existência, pois “a vida é sempre outro rumo”, acrescenta Walter.

Mais do que elucidar a impossibilidade de uma linguagem representativa do pensamento e da subjetividade dos personagens, a escrita ficcional de Maria Esther Maciel assinala a incompletude do próprio pensamento que não é apreendido em sua totalidade, o que vem a reafirmar a sentença de Lacan: “O que me constitui como sujeito é a minha pergunta”. Porém, mesmo essa pergunta fundante já é assombrada pelo não-lugar da palavra, e não só o “dizer” é incapaz de comunicar o pensamento, mas o próprio pensamento já é esburacado pelo silêncio que o rasura. Hildegarda e Zenóbia, por exemplo, se conhecem “menos pelas palavras do que pelo silêncio”.

Todas essas formas de desautomatizar o olhar recorrendo aos desvios, equívocos, paradoxos, designações rasuradas e recortes de experiências pessoais, não apenas passam ao largo das ortodoxias, mas produzem um novo estatuto do sujeito e da palavra literária, promovendo o descolamento dos procedimentos recenseadores do sentido, da subjetividade e dos baluartes da razão.

As tapeçarias do cotidiano recolhidas em uma suposta preteridade se atualizam ao entrelaçarem com histórias atuais formando um tecido em que a temporalidade seqüencial se esboroa. O gesto que ilumina seu próprio passado, como nos lembra Hannah Arendt, dele não pode ser deduzido, o que equivale dizer que não há uma causalidade linear entre

passado e presente, e sim uma multiplicidade de passados presentificados por diferentes dispositivos de atualização e reimaginação. A “rememoração”, em *O livro dos nomes*, não funciona como uma ilha de edição que seleciona, conscientemente, o que lhe convém. Há, em algumas passagens dessa obra, uma enunciação que sugere uma espécie de *desmemoria* ao valer-se da vigília não retentiva das imagens da “história”.

É essa certeza de não ter a sua própria memória que alarga os possíveis dessa escritura. Portanto, memória e esquecimento não são abordados como campos estanques, pois essas esferas respondem à forja do desejo (visto por Irene como rapto) e seu poder de ficcionalização que, nessa obra, alcança eficácia simbólica e disruptiva sem emperrar o fluxo ficcional com palavras vagas e indeterminadas, ou com a outonização afetiva endereçada ao tédio ou à inércia causada pela repetição nostálgica.

O desafio para a escrita ficcional é converter a infinitude vazia desencadeada pelos absolutos e verdades em um campo “finito”, mas sem bordas, que comporta a referencialidade.

Deslindar os fios de subjetividade dessa trama que se entremovem na maior proximidade possível de seus afastamentos é uma das artimanhas que nos possibilita atravessar, como vencedores, o limiar da desrazão. A arte, como observou Blanchot, “pode vencer onde o conhecimento fracassa: é que ela é e não é bastante verdadeira para se tornar o caminho, e muito irreal para se tornar obstáculo”. (BLANCHOT, 1986, *passim*)

Ao ultrapassar o limiar de compreensão da doxa (opinião) e lançar a palavra literária para fora dos esquadros da logicidade clássica e mimética, a ficcionalidade de *O livro dos nomes* coloca em jogo virtualidades estéticas e referências identitárias inusuais, sem, contudo, evocar uma concepção logofóbica.

Ao contrário de Michael Palmer que afirma “Nosso tempo é um tempo entre; melhor ficar fora dele”, a ficção de Maria Esther Maciel dignifica o significante “entre”, os desvios, o erro, os equívocos e os paradoxos como um dos não-lugares em que a palavra literária acontece ou a escrita que se põe “no lugar da perda”, como afirma Ulisses. Como não destacar “falas” (como as de Silvia) que intervêm no cotidiano com força de axioma matemático? Para ela “as xícaras nunca se encaixam nos pires”.

NOTAS

1 – Cf. o livro de ensaios *A memória das coisas*, de Esther Maciel. Obra finalista do Prêmio Jabuti na categoria “crítica literária”.

2 – Essa formulação de Maria Esther Maciel, apresentada no prólogo da primeira versão de *O livro dos nomes*, foi retirada do texto definitivo que veio à lume pela Companhia das letras (2008).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. São Paulo: Forense, 2003.

ARTAUD, Antonin. *Artaud*. São Paulo: Aquarius, 1971.

BACHELARD. *Bachelard*. São Paulo: Abril, 1978.

BLANCHOT, Maurice. *The Writing of the Disaster*. Translator: Ann Smock. London: University of Nebraska Press, 1986.

DERRIDA, Jacques. *Papel-máquina*. Tradução de Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

GUIMARÃES, Rodrigo. *Encontro textual com Maria Esther Maciel*. 2007. Disponível em < <http://www.vista.agulha.nom.br> > Acesso em 10 de mar. 2008.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MACIEL, Maria Esther. *Triz*. 3.ed. Belo Horizonte: Orobó, 2004a.

MACIEL, Maria Esther. *A memória das coisas: ensaio sobre literatura, cinema e artes plásticas*. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004b.

MACIEL, Maria Esther. *Vôo transverso*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

MACIEL, Maria Esther. Entrevista concedida à Revista Et cetera. Curitiba: Travessa dos Editores, n. 2, p. 136-139, 2003.

MICHAUX, Henri. *No País da Magia*. Lisboa, Hiena, 1987.

PALMER, Michael. *Fatal*. São Paulo: Rocco, 2004.

